

## JUVENTUDE: UM FATOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Virgínia Oliveira Borges<sup>1</sup>; Maria Thereza Rosa Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas / PPG Sociologia – virgyniaborges@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas / PPG Sociologia – tete@upel.edu.br

### 1. Introdução

Esse estudo apresenta através do estudo bibliográfico a possibilidade de transformação social atribuída aos jovens no cotidiano da sua vida grupal. Com base em autores como Henri Lefebvre (2008) que apresenta, a transformação social no espaço das cidades e a possibilidade que a juventude traz consigo. E José Machado Pais (2003), que apresenta a compreensão dessa dimensão juvenil, que partindo do cotidiano do grupo constituído da comunidade local, pode perceber as relações dos diferentes atores envolvidos no espaço social vivenciado e reconhecemos os conflitos que modificam o espaço local, pela ação juvenil ou o embate entre jovens e adultos. Trata-se de uma abordagem sociológica, enquadrando-se na área de Ciências Humanas.

### 2. Metodologia

Como abordagem metodológica foi utilizada a análise de conteúdo, com base no referencial teórico de cunho sociológico que destacam o papel social dos grupos sociais, em especial o grupo juvenil. São levantadas algumas categorias de análise para descrever essa reinvenção de um espaço social e as formas reais de disputa por esse espaço entre os grupos sociais,

As categorias fornecidas pelo referencial teórico deste estudo (1) delimitam a juventude como um grupo social constituído que tem suas demandas próprias, (2) porém não se trata de um grupo homogêneo; e que (3) no espaço de interação social gera conflitos com os demais grupos socialmente constituídos; mesmo assim (4) pode ser considerado como a fase da possibilidade, pois traz consigo a capacidade de mudança e transformação social.

Essas categorias possibilitaram delimitar as seguintes hipóteses de trabalho: que existe um conflito entre gerações e entre grupos distintos dentro de uma mesma geração – neste caso a juventude; e que destas tensões ou conflitos que possam criar novas formas de interação social, tendo o adulto como reprodutor de um mesmo agir social e a juventude como fator de transformação. Através dessas hipóteses estabelecidas, foi possível elaborar respostas de acordo com o referencial teórico. É importante lembrar que na análise de conteúdo, segundo MORAES (1999) “Os valores e a linguagem natural do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir.” (p.3)

### 3. Resultados e Discussão

Apresentar um estudo sociológico sobre juventude no contexto da sociedade a que pertencemos, pode nos fornecer elementos para o conhecimento da dinâmica social presente no nosso cotidiano. Mas a final o que seria essa juventude? Do ponto de vista político-social, as agências internacionais apontam que para existir

uma condição juvenil é necessário que haja cinco itens objetivos, que caracterizam esse grupo, sendo elas:

- i) a obtenção da condição adulta, como uma meta; ii) a emancipação e a autonomia, como trajetória; iii) a construção de uma identidade própria, como questão central; iv) as relações entre gerações, como um marco básico para atingir tais propósitos; e v) as relações entre jovens para modelar identidades, ou seja, a interação entre pares como processo de socialização. (UNESCO, 2004, p.26)

Segundo estudos sociológicos atuais sobre o que poderíamos definir como sendo características de uma condição juvenil, apontam-se alguns elementos que moldam esse grupo social. Segundo Machado Pais (2003) – conforme dito anteriormente já neste trabalho – “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada dentro de contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas, uma categoria sujeita, pois a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 2003, p.37). O autor ainda coloca que essa categorização é algo delimitado pelo conjunto da sociedade, e aparece somente quando o outro é colocado na posição de agente causador de conflitos, Pais (2003) ressalta que

Determinadas fases de vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases da vida são socialmente vistas como geradoras de “problemas” sociais. (PAIS, 2003, p.37)

Segundo Bourdieu (1983) o pano de fundo deste confronto é a disputa pelo “poder e pelo privilégio” (p.121) entre as gerações, que “são os momentos em que as trajetórias dos mais jovens e dos mais velhos se chocam, quando os jovens aspiram ‘cedo de mais’ a sucessão” (p.120). Bourdieu afirma que essa aspiração gera inconformidade nas gerações estabelecidas (adultos) pois temem ser colocados de lado, serem considerados incapazes, pelos que estão chegando (os jovens). Assim as gerações estabelecidas tendem a querer regular a forma como essa transição de poder vai acontecer. Porém, Pais (2003) coloca que é necessário pensar do ponto de vista sociológico que a juventude, enquanto faixa etária, é composta por diferentes jovens, podendo ser considerada como um conjunto de múltiplos elementos distintos entre si e não sendo “tomado como fazendo parte de uma cultura juvenil ‘unitária’”(PAIS, 2003, p.29).

Nesse sentido para a cultura dominante as manifestações e expressões culturais dos jovens que destoam do que está posto como identidade unitária dos jovens pelo censo comum. Coloca os jovens numa situação de estranhos. Seguindo essa lógica do contexto de formulações arbitrárias sobre quem é o outro, podemos nos remeter aos escritos de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) na obra “Estabelecidos e outsiders” apresenta as relações de poder entre grupos sociais distintos, os estabelecidos e os outsiders. Elias e Scotson (2000) fazem a distinção entre, o primeiro (established ou estabelecidos) é utilizado para designar um grupo que detém prestígio e poder, sobretudo na comunidade em que estão; e o segundo outsiders, são os outros, os de fora, os que não fazem parte dessa sociedade em questão.

O espaço em que essa juventude constitui seus campos de disputa é no cotidiano da vida social. Os confrontos entre as faixas etárias distintas, que compõe o universo juvenil conforme, Pais (2003), bem como as disputas entre os grupos sociais, conforme Elias e Scotson (2000) tendem a modificar ou transformar a realidade vivida. Essas mudanças são melhores observadas no conjunto da realidade social vivenciada nas cidades ou no espaço urbano. Para compreender como a relação entre grupos distintos na interação social podem traçar novas

formas de estruturação da sociedade buscamos os estudos do espaço social de Henri Lefebvre para compreender essas mudanças.

Lefebvre (2008), sociólogo francês, conhecido pelos seus estudos sobre a importância do urbano para a transformação das realidades sociais – entre outros temas – aponta que é no espaço urbano, que se incorpora diferentes elementos. Delimitar o espaço urbano através de conceitos como função, estrutura e forma; para o autor não é suficiente, é preciso ir além. Para ele o espaço urbano é um todo complexo e mutável, e logo deve ser pensado em níveis e dimensões que podem oferecer uma nova leitura do urbano. Lefebvre (2008) especifica que “essas noções permitem introduzir uma certa ordem nos confusos discursos concernentes a cidade e ao urbano, discursos que misturam textos e contextos, níveis e dimensões” (Lefebvre, 2008, p.75)

Pais (2003) explica que a intergeracionalidade é um conceito que se baseia nas diferenças auto-reconhecidas, ou seja, é a capacidade que cada geração tem de se auto distinguir das demais valendo-se de determinadas referências.

Assim juventude e as demais gerações têm a possibilidade de manter uma cultura própria, no caso da juventude a chamada cultura juvenil. E essa pode ser marcada pela descontinuidade, ou seja, segundo Pais (2003) a geração pode ser marcada por uma harmonia constante ou ainda por conflitos e crises intergeracionais. No momento em que a conduta do grupo jovem é desconhecida pelos demais grupos geracionais, principalmente os adultos cria-se uma atmosfera de tensão social. Pais (2003) considera que no momento em que os jovens são “socializados” de acordo com as normas e valores das gerações mais velhas, pode se falar em “socialização contínua”, pois não há conflito na forma dos jovens se relacionarem com as demais gerações.

É importante lembrar que o conceito da intergeracionalidade, tão em voga quando se discute a questão da juventude, enquanto categoria social é uma oposição a análise que considera a categoria juventude enquanto classe social distinta – teoria abarcada pela corrente classista. A corrente geracional considera a categoria juventude enquanto grupo heterogêneo, ou seja, “a noção de juventude, entendida no sentido de fase de vida, e enfatiza, por conseguinte o aspecto unitário da juventude” (PAIS, 2008, p. 48). E parte da análise funcional da sociedade, que explica qualquer conflito social como uma disfunção e, de certo modo, reconhece a oposição de cultura, como colocado a cima. A problemática da intergeracionalidade está pautada na reprodução social do grupo, não especificando as suas diferenças referente a diversidade do meio. Já a teoria classista enfatiza que dentro da reprodução social do grupo designado pela fase da vida, há diferenciações de classe, e dominada por essa condição. Segundo Pais (2008)

Com efeito, enquanto para a corrente geracional a reprodução se restringe à análise das relações intergeracionais, isto é, à análise da conservação ou sedimentação (ou não) das formas e conteúdos das relações sociais entre gerações, para a corrente classista, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos de reprodução de género, de raça, enfim, de classes sociais. (PAIS, 2008, p.55-56)

Logo, considera-se que a juventude se restringe a um grupo social homogêneo e não a representação de um grupo social diversificado com necessidades diferentes, ou seja, encontramos aqui a heterogeneidade. Sempre em conflito com os demais grupos geracionais da sociedade. A fim de apresentar quais as formas de representação da sociedade tem dos jovens, dentro de um contexto de disputa de um grupo já estabelecido – os adultos – e os que estão chegando – os jovens.

#### 4. Conclusões

No presente trabalho, foi possível mapear os estudos sobre juventude, sob uma óptica de percepção de que, este grupo constituído pode elaborar novas práticas sociais a partir de sua interação na sociedade com os demais grupos constituídos. Essa interação não é algo pacífico, e sim fruto de uma disputa de poder.

Essas disputas tornam-se mais visíveis, sobretudo no espaço social da cidade, por ser um espaço composto por múltiplas formas de vivenciar a vida social. É possível concluir através da apresentação dos teóricos que a compreensão dessa categoria social, é fundamental para entender as transformações sociais que ocorrem no cotidiano.

#### 5. Referências

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações do poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:  
<[http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)> Acessado em jun 2013.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Casa da Moeda, 2003.

SILVA, Vivian. **As escritoras de grafite de Porto Alegre**: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte. 2008. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.

STECANELA, Nilda. **Jovens e Cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.